



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i2.26149>

REPRESENTATIVIDADE DAS PRODUÇÕES MINORITÁRIAS: PERCURSOS E DESAFIOS NO CENÁRIO INTERNACIONAL

GLEIDE DE PAULA SANTOS (PUCGO)*

 <https://orcid.org/0009-0008-6720-563X>

MARIA APARECIDA RODRIGUES (PUCGO)**

 <https://orcid.org/0000-0002-7834-2938>

RESUMO

Este artigo propõe uma análise crítica da Difusão Global das Produções Periféricas, tratadas como Narrativas das Margens – examinando os percursos e desafios que se interpõem à sua circulação frente à hegemonia das literaturas centrais. Partindo da constatação da desigualdade na difusão literária, o estudo mostra fatores como tradução, publicação e recepção configuram barreiras simbólicas e burocráticas, funcionando como uma “Fronteira Patrulhada” (Spivak, 2003) para as obras da periferia. A pesquisa se justifica pela urgência em problematizar a luta por legitimidade dessas produções. A metodologia envolve a análise do caso de Conceição Evaristo (*Ponciá Vicêncio e Olhos d’água*), utilizando a crítica interseccional como ferramenta para desvelar as complexas camadas de opressão (gênero, raça, classe) que afetam o percurso transnacional de sua escrita. O conceito de estética relacional será empregado para discutir a potência das narrativas das margens em reverter o fluxo cultural. O objetivo é mapear os mecanismos de exclusão e sugerir estratégias para uma circulação mais equitativa.

Palavras-chave: Difusão global; Produções minoritárias; Interseccionalidade; Tradução; Desafios.

ABSTRACT

REPRESENTATION OF MINORITY PRODUCTIONS: PATHS AND CHALLENGES IN THE INTERNATIONAL SCENE

This article proposes a critical analysis of the global diffusion of peripheral productions, referred to as narratives from the margins—examining the

* Doutoranda em Letras, Literatura e Crítica Literária pela Universidade Católica de Goiás. Mestre em Letras, Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Pesquisadora bolsista Capes Prosuc. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5515095374285391>

** Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004) e Pós-Doutora em Letras: pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013) e pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, em 2018. Professora adjunta da Universidade Católica de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2329167623085176>

pathways and challenges that hinder their circulation in the face of the hegemony of central literatures. Based on the observation of inequality in literary diffusion, the study shows that factors such as translation, publication, and reception constitute symbolic and bureaucratic barriers, functioning as a “patrolled border” (Spivak, 2003) for works from the periphery. The research is justified by the urgent need to problematize the struggle for legitimacy of these productions. The methodology involves analyzing the case of Conceição Evaristo (Ponciá Vicêncio and Olhos d’água), using intersectional criticism as a tool to unveil the complex layers of oppression (gender, race, class) that affect the transnational trajectory of her writing. The concept of relational aesthetics will be employed to discuss the power of narratives from the margins in reversing cultural flux. The objective is to map the mechanisms of exclusion and suggest strategies for more equitable circulation.

Keywords: Global; Diffusion; Minority Productions; Intersectionality; Translation; Challenges.

INTRODUÇÃO

A Difusão Global da literatura não é um processo homogêneo, mas sim uma arena de disputas marcadas por profundas desigualdades estruturais que determinam quais vozes serão ouvidas e quais permanecerão silenciadas. A própria concepção de “literatura mundial”, popularizada por Goethe, é hoje revista e criticada por autores que desvelam a hierarquia implícita na circulação global. É imperativo reconhecer que o que se consagra como universal é, frequentemente, o que emana dos centros hegemônicos do Ocidente e seus critérios estéticos e editoriais. A língua, o capital simbólico das editoras e o reconhecimento crítico nos grandes polos culturais configuram os principais filtros de acesso para as produções minoritárias.

A internacionalização da literatura, embora celebrada como um indicador de diálogo e interconexão cultural, revela-se um processo profundamente desigual, marcado por assimetrias de poder que estruturam a circulação e a recepção das obras no que Pascale Casanova (1999) denominou de “república mundial das letras”. Neste contexto, a posição das produções literárias de diferen-

tes países no espaço da literatura mundial não é neutra, e as literaturas minoritárias travam uma batalha simbólica e materialmente desigual com as literaturas majoritárias. A influência cultural, como bem observou Gayatri Chakravorty Spivak, demonstra um fluxo unidirecional privilegiado: “Na saída dos países metropolitanos, as fronteiras são facilmente atravessadas, enquanto as tentativas de entrada a partir dos chamados países periféricos encontram fronteiras burocráticas e patrulhadas” (Spivak, 2003, p. 16). Essa constatação delimita o contexto geral deste estudo, que se concentra em problematizar os múltiplos percursos e desafios enfrentados por essas literaturas na busca por representatividade internacional. A relevância da pesquisa reside, portanto, na urgência em desnaturalizar a hegemonia dos centros, examinando os mecanismos que perpetuam a marginalização de vozes cruciais para a compreensão da diversidade humana e literária. Apesar de estudos valiosos sobre a “literatura mundial” de Franco Moretti (2000), a tradução por Haroldo de Campos (1992) e as reflexões sobre cos-

mopolitismo (Abdala Júnior, 2004; Santiago, 1982), a lacuna na literatura existente reside na insuficiente atenção dedicada à dimensão interseccional das barreiras à internacionalização, especialmente quando o foco se volta para a intersecção de raça, gênero e classe nas produções periféricas.

Este cenário levanta o problema de pesquisa: Quais são os fatores burocráticos, editoriais e simbólicos que dificultam a internacionalização das literaturas minoritárias e de que forma a crítica interseccional e a estética relacional podem desvelar e potencializar suas estratégias de resistência e circulação global? O objetivo geral deste artigo é mapear os mecanismos de exclusão e analisar as estratégias de sobrevivência e projeção dessas literaturas no mercado global. O estudo se justifica pela necessidade de atribuir visibilidade e legitimidade acadêmica aos diálogos desiguais travados por autores da periferia, contribuindo para uma teoria da literatura mundial mais inclusiva e equitativa.

A metodologia proposta envolve a análise de casos de internacionalização, com foco nas obras da escritora brasileira Conceição Evaristo, especificamente a tradução de *Ponciá Vicêncio* e *Olhos d'água*, cujas narrativas de vivências afro-brasileiras e femininas desafiam o cânone. Inicialmente, será utilizada a crítica feminista tradicional para identificar a problemática do gênero no sistema literário. Em contraponto, será empregada a interseccionalidade para desvelar a sobreposição de opressões de raça, classe e gênero que moldam a produção e a recepção da autora, argumentando que a crítica simplificada não consegue capturar a complexidade da sua escrita. Por fim, a estética relacional será convocada para discutir como o ato de contar e traduzir histórias marginalizadas, como as de Evaristo, estabelece novas co-

nexões e transforma o panorama mundial. Sua escrita, que “escreve no corpo e por isso dói”, nas palavras de Helena Parente Cunha (2003, p. 11), transcende o regionalismo, pois, conforme expressa a própria autora: “A nossa escrevivência não pode ser lida ou examinada apenas pelo lado estético. Ela tem de ser lida também pelo lado ético” (Evaristo, 2007, p. 26).

Este artigo busca, assim, não apenas descrever, mas intervir criticamente no debate sobre a internacionalização, propondo uma leitura que valorize a potência ética e estética das literaturas minoritárias.

O CAMPO LITERÁRIO MUNDIAL E A HIERARQUIA DA CIRCULAÇÃO

A inserção de qualquer obra no circuito mundial de leitura pressupõe um terreno de igualdade de oportunidades, mas a realidade da Difusão Global da literatura revela um mapa severamente segmentado. A crítica cultural contemporânea tem questionado a validade de uma “literatura universal” que frequentemente serve como disfarce para os interesses e códigos estéticos dos grandes centros de produção e consumo. O fluxo editorial e o endosso crítico não são espontâneos; eles são moldados por uma geopolítica do conhecimento que historicamente valorizou a experiência ocidental como norma e relegou as vozes emergentes ou alternativas a um estatuto de curiosidade regional.

É nesse ambiente de privilégio implícito que as Produções Periféricas buscam legitimidade, lutando contra uma inércia que as mantém invisíveis nos grandes catálogos e nas principais premiações. O desafio não é apenas de qualidade literária, mas de capital simbólico acumulado. Editoras da periferia raramente possuem a infraestrutura

financeira ou o prestígio para competir em igualdade com conglomerados editoriais da Europa e da América do Norte. Este desequilíbrio inicial transforma a circulação em um funil altamente restritivo, onde a diferença linguística e cultural atua como um pretexto conveniente para a exclusão econômica e política.

A difusão global não ocorre em bases democráticas, mas como um campo de forças onde as produções literárias enfrentam uma arena de disputas pela validação. reconhecer que o circuito internacional canoniza determinadas obras, é, de forma recorrente, aquilo que ressoa com os códigos do ocidente, criando mecanismos de triagem que filtram as vozes das margens.

Nesse sentido, a análise de Pascale Casanova sobre a República Mundial das Letras é fundamental para se entender a dinâmica de poder. Casanova emprega uma metáfora econômica para descrever o campo:

Como estão vendo, emprego a linguagem da Bolsa. Pode parecer estranha adaptada a coisas espirituais; mas creio que não haja uma melhor, e talvez não haja outra para exprimir as relações deste valor, porque há apreciação, julgamento de importância e também discussão sobre o preço que se está disposto a pagar por esse valor, o espírito. Pode-se fazer um investimento com esse valor; pode-se rastreá-lo, como dizem os homens da Bolsa; pode-se observar suas flutuações em alguma cotação, que é a opinião do público sobre ele. Pode-se ver nessa cotação, inscrita em todas as páginas dos jornais... (Casanova, 1999, p. 19).

Essa visão evidencia que a literatura minoritária, vinda de países com menor capital literário, precisa lutar por reconhecimento em um mercado onde o valor simbólico é cotado por centros de poder estabelecidos. O processo se torna, para muitos autores, uma necessidade, mais do que uma escolha estética.

Franco Moretti complementa essa crítica ao adotar a teoria do Sistema-Mundo para a literatura, sublinhando que a estrutura global é intrinsecamente desigual:

Literatura mundial: una e desigual. Tomarei emprestada essa hipótese inicial da escola do sistema-mundo da história econômica, para a qual o capitalismo internacional é um sistema simultaneamente uno e desigual: com um centro e uma periferia (e uma semi-periferia) vinculados num relacionamento de crescente desigualdade. Una e desigual: uma literatura mundial (*Weltliteratur*, singular, como em Goethe e Marx), ou talvez, melhor, um sistema-mundo literário (de literaturas inter-relacionadas); mas um sistema diferente daquele que Goethe e Marx esperavam, porque profundamente desigual. (Moretti, 2000, p. 55).

Essa dualidade ser parte do sistema, mas ocupando uma posição periférica, define a experiência da internacionalização para as literaturas minoritárias. A língua, nesse contexto, deixa de ser apenas um veículo e se transforma na primeira barreira política. A dificuldade em ter a obra traduzida para línguas de grande circulação (inglês, francês, alemão) e, mais importante, de ser publicada por editoras com poder de distribuição global, é um gargalo central.

Gayatri Chakravorty Spivak oferece uma das críticas mais contundentes à dinâmica de circulação, expondo o caráter patrulhado das fronteiras que separam o centro da periferia no intercâmbio cultural, em uma passagem definidora, afirmando que as influências culturais emanadas dos centros hegemônicos penetram nos países periféricos com muito mais facilidade. Conforme Spivak, na saída dos países metropolitanos, as fronteiras são facilmente atravessadas, enquanto as tentativas de entrada a partir dos chamados países periféricos encontram fronteiras burocráticas e patrulhadas.

O livro da periferia não apenas precisa ser bom, mas precisa superar um aparato de vigilância (crítica enviesada, desinteresse editorial, barreiras de distribuição) que o da metrópole não enfrenta. Essa patrulha se manifesta na forma de uma colonialidade do saber e do fazer literário.

A linguagem do centro, que se travesse de universal, é o padrão de medida, enquanto a linguagem da periferia é frequentemente classificada como exótica, local, ou meramente social. Essa categorização é, na verdade, uma forma sutil de desqualificação estética. Benjamin Abdala Júnior, ao discutir as relações entre as margens e os centros, aponta para a necessidade de os atores literários estarem cientes de suas posições no mapa global:

Os atores de um campo intelectual supranacional situem-se nas esferas do centro ou nas margens (há as margens dos centros e os centros das margens) que se pretenderem efetivamente críticos, não podem ignorar as relações de pertencimento desses sujeitos (Abdala Júnior, 2004, p. 260).

Ignorar essa relação de pertencimento seria desconsiderar as dificuldades adicionais que um escritor de Angola, Moçambique ou do Brasil, com uma estética não convencional ou uma língua minoritária, enfrenta. A circulação, portanto, não é sobre mérito puro, mas sobre o acúmulo de capital simbólico e social que facilita a ultrapassagem dessas “fronteiras patrulhadas”. A literatura minoritária, assim, é frequentemente obrigada a se adaptar ou a se traduzir de formas que a tornem palatável ao gosto do centro, correndo o risco de ter sua complexidade original simplificada.

Em suma, a internacionalização é uma arena onde as disputas de poder se inscrevem no próprio texto e em seus percursos. A desigualdade não é um mero acidente, mas o princípio estruturante do sistema-mundo

literário, exigindo uma crítica que vá além da análise textual e abrace as dinâmicas geopolíticas, editoriais e linguísticas em jogo.

A consequência prática dessa assimetria é que o êxito internacional para um escritor minoritário é frequentemente condicionado à sua capacidade de se conformar, em algum nível, às expectativas estéticas e temáticas do centro. O que é aceito e celebrado não é a totalidade da produção literária do país periférico, mas aquela fatia que se encaixa no imaginário ocidental sobre “o outro” — seja o exótico, o socialmente revoltado ou o marginalizado de forma palatável. Essa pressão sutil, mas constante, pela autocensura ou pela modulação da própria voz, representa o custo simbólico da entrada na “República Mundial das Letras”, evidenciando que a linguagem da periferia precisa, primeiro, traduzir-se a si mesma para o código hegemônico, antes de sequer ser traduzida para outra língua.

Portanto, a internacionalização, de uma perspectiva crítica, não pode ser tratada apenas como uma mera conquista, mas como um processo de negociação política e estética. O desafio central para a literatura minoritária, antes mesmo de buscar a tradução, é construir e sustentar sua legitimidade e visibilidade em seu próprio território, desafiando a estrutura de pensamento que valoriza mais o que vem de fora. É somente através dessa autonomia simbólica que a obra pode entrar no circuito global com maior integridade e potência, como um agente ativo capaz de modificar a dinâmica de poder, e não apenas como um produto a ser consumido.

INTERSECCIONALIDADE, TRADUÇÃO E “ESCREVIVÊNCIA”: O ATO POLÍTICO DA LINGUAGEM

A difusão global de uma produção minoritária se manifesta no momento decisivo da

tradução, que se move do contexto estrutural de desigualdade para o campo prático da linguagem. Nesse processo, a tradução transcende a mera transposição linguística, consolidando-se como um ato político que confronta, negocia ou, em alguns casos, sucumbe às exigências estéticas e ideológicas do centro. As escolhas feitas pelo tradutor, pelo editor e pelo agente de *marketing* são inerentemente ideológicas, determinando se a narrativa preservará sua potência crítica ou se será domesticada e suavizada para se adequar ao paladar exótico do público leitor hegemônico.

A complexidade aumenta exponencialmente quando a escrita não é apenas periférica em termos geográficos, mas também atravessada por múltiplas camadas de opressão dentro de seu próprio contexto nacional. É o caso das narrativas de mulheres negras, cujas vozes carregam as marcas de raça, gênero e classe. Essas produções exigem uma abordagem crítica que vá além das categorias simplificadas da crítica feminista tradicional e da análise marxista isolada. Por isso, a crítica interseccional se torna indispensável para compreender o peso do silenciamento e as nuances que precisam ser transpostas no processo de Tradução Política; caso contrário, a riqueza da experiência narrada, a “escrivência”, corre o risco de ser nivelada e perder sua força disruptiva no mercado global.

As barreiras estruturais do campo literário mundial aprofundam-se na dimensão da linguagem e da tradução como atos políticos, particularmente quando as literaturas minoritárias são produzidas a partir de posições de múltipla subalternidade. A internacionalização de obras de autoras negras e periféricas, como as de Conceição Evaristo, expõe a insuficiência de modelos críticos que ignoram a interseccionalidade das opressões (raça, gênero, classe).

A obra de Conceição Evaristo, como *Ponciá Vicêncio* (traduzida para o inglês como *Ponciá Vicencio*) e *Olhos d'água* (traduzida para o inglês como *All the Colors of the Night* ou *Eyes of Water*), serve como um estudo de caso fundamental. Sua escrita, batizada de “escrevivência”, é uma manifestação estética que carrega uma profunda carga ética e política. O desafio de sua tradução não é apenas linguístico, mas um embate contra o silenciamento histórico de vozes negras femininas.

A crítica feminista tradicional falha em abordar as especificidades das experiências narradas, que são atravessadas pela racialização e pela periferização. A jurista Kimberlé Crenshaw, que cunhou o termo interseccionalidade, explica que as opressões não se somam, mas se cruzam e criam um novo espaço de exclusão:

As pessoas têm vivências diferentes e dentro dessas vivências nós temos estruturas de opressões que se cruzam. E precisamos olhar a sociedade a partir desse pensamento. Só assim podemos compreendê-la de fato e fazer questionamentos. ⁴É pensando nessa estrutura de gênero e raça que são abertas outras dimensões... Cada vez mais, vamos encontrando mais sobreposições. Hoje, temos muitas teorias que trabalham sexualidade, questões da periferia, capacitismo e etarismo dentro da interseccionalidade. (Crenshaw, 1989).

Aplicar essa lente à obra de Evaristo significa entender que a internacionalização não é apenas sobre traduzir o português, mas sobre traduzir a experiência da mulher negra brasileira, a “mãe preta”, a faxineira, a moradora de favela, sem romantizá-la ou reduzi-la a um estereótipo. O ato de tradução se torna, inerentemente, um ato político de mediação cultural.

A própria Conceição Evaristo sublinha a inseparabilidade entre estética e ética em sua produção, rejeitando a leitura fácil

e despolitizada, conforme Evaristo, a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

Essa incomodação é o cerne do desafio da tradução. Como transportar para o inglês ou o francês a força da oralidade, a invenção vocabular e o ritmo das vivências que a autora chama de “escrevivência”, sem diluir sua potência política em favor de uma “fluência” que agrade ao leitor estrangeiro? A tradução é, portanto, um campo de batalha ideológico.

Essa resistência à universalização imposta é também um dos pontos centrais no pensamento de Djamila Ribeiro sobre o Lugar de Fala. A autora argumenta que a noção de que o homem branco ocidental fala a partir de um lugar “universal” é uma estratégia de poder:

[...] o lugar de falar incomoda porque a gente aponta para eles e diz: ‘Mas você também é específico’, você fala a partir de um lugar social que é o lugar do privilégio o lugar do poder, você não é universal. então você aponta pro outro você ele o geralmente o h^omem [branco] quando eu digo homem branco como categoria tá gente que as pessoas [...] sempre como a figura universal ela se incomoda quando eu digo para ele não tem outras produções intelectuais aqui que estão questionando a visão de mundo que você tá impondo (Ribeiro, 2017).

A internacionalização da literatura minoritária é uma forma de desestabilizar essa pretensa universalidade. É o momento em que o “lugar de fala” do subalterno exige ser reconhecido não como exceção, mas como perspectiva de mundo.

Neste processo de descolonização do pensamento, a escritora e teórica bell hooks oferece um caminho, enfatizando a necessidade de sair da cultura de dominação, onde a “outridade” é frequentemente commodificada:

A commodificação da Outridade tem sido bem-sucedida porque é oferecida como um novo deleite, mais intenso, mais satisfatório do que os modos normais de fazer e de sentir. Dentro da cultura das commodities, a etnicidade se torna um t^oempero. (hooks, 1992, p. 112).

O perigo da tradução e da circulação internacional é transformar a “escrevivência” em um “tempero étnico” — um produto exótico que satisfaz a curiosidade do centro sem, de fato, incomodá-lo em seus “sonos injustos”. O ato político da tradução deve, portanto, ser um ato de fidelidade à resistência contida na linguagem da autora minoritária, preservando as marcas de sua origem para que a experiência periférica alcance o global sem ser assimilada ou neutralizada.

O caso de Conceição Evaristo ilustra a resistência que se manifesta na própria linguagem. Sua “escrevivência” não apenas relata a experiência, mas a constrói linguisticamente a partir de um lugar que desafia a norma gramatical e estética. O uso de vocabulário específico, a sintaxe influenciada pela oralidade e a densidade poética da dor e da luta, exigem do tradutor um esforço que vai além da equivalência semântica. A tradução se torna um trabalho de “transcrição” para usar um termo de Haroldo de Campos que deve ser capaz de provocar no leitor estrangeiro um efeito de estranhamento e reconhecimento, evitando a domesticação que suavizaria a força do grito negro-feminino.

A escolha de traduzir, ou não, certos termos e ritmos é, em essência, uma decisão política sobre o quanto o centro está disposto a ser desafiado pela periferia. Se o tradutor e a editora optam por uma versão excessivamente fluente, correm o risco de apagar as marcas de classe e raça que são vitais para a narrativa, transformando a complexidade da opressão interseccional em uma simples história universal de superação. A

internacionalização só é verdadeiramente exitosa quando o polo receptor se dispõe a aprender a ler “fora da caixa”, reconhecendo a diversidade epistêmica contida na linguagem minoritária.

ESTÉTICA RELACIONAL E AS ESTRATÉGIAS DE SOLIDARIEDADE NA INTERNACIONALIZAÇÃO

Diante do cenário de desigualdade estrutural e dos complexos desafios da tradução como ato político enfrentados pelas produções periféricas, torna-se imperativo ir além da mera constatação das assimetrias de poder. Este capítulo se propõe a analisar as estratégias de agência que permitem às narrativas das margens não apenas sobreviverem, mas também transformarem o circuito literário global. O foco se desloca da condição de subalternidade para a potência estética e ética dessas obras, examinando como a sua diferença pode ser capitalizada não como um déficit a ser corrigido, mas como uma força disruptiva capaz de renegociar o que é considerado “universal”.

Neste sentido, a estética relacional surge como uma chave analítica e propositiva para a Difusão Global. Em vez de medir o sucesso de uma obra periférica pela sua capacidade de se assimilar ao cânone ocidental, a Estética Relacional valoriza o modo como essas narrativas criam conexões e diálogos inéditos, forçando o polo receptor a sair de sua zona de conforto epistêmica. A circulação equitativa não virá pela conformidade, mas pela articulação ativa de redes de tradução e crítica engajada que, conforme defendem autores como Magri (2019) e Baptista (2009), transformam a tradução em um projeto de solidariedade cultural estratégica.

O último estágio da análise se volta para a potencialidade e as estratégias necessá-

rias para que as literaturas minoritárias superem os desafios estruturais e simbólicos, centrando-se no conceito de estética relacional. A internacionalização não pode ser vista apenas como um ato de “venda” de um produto, mas como a criação de novas conexões e diálogos que alteram o próprio centro.

A linguagem e a tradução, que no capítulo anterior foram identificadas como barreiras e atos políticos, aqui são ressignificadas como ferramentas de agência. Abdala Júnior (2004) já sinalizava a importância da identidade e do pertencimento na crítica, o que se estende à circulação. Em vez de buscar a integração plena e silenciosa ao cânone mundial, as literaturas minoritárias devem valorizar a sua diferença como fonte de força. A “escrita da coletividade”, como Conceição Evaristo (2022) a descreve, tem o poder de forçar o leitor global a reconhecer a pluralidade de mundos.

A estética relacional propõe que o valor da obra minoritária reside justamente na sua capacidade de criar relações e pontes entre experiências distantes, confrontando o universalismo eurocêntrico com a pluri-versalidade. Marisa Magri (2019), ao analisar a circulação literária, argumenta que os estudos devem focar nas redes e nas agências que promovem essa literatura, muitas vezes alheias ao grande mercado. Para Magri (2019), a internacionalização não é um processo passivo, mas uma construção ativa que depende de diplomacia cultural, projetos específicos de apoio à tradução e, sobretudo, da solidariedade entre os atores das margens.”

O foco se desloca da figura isolada do autor para as redes de apoio, que incluem tradutores engajados, pequenas editoras independentes no exterior e críticos que assumem a responsabilidade ética de promover a diversidade.

Nesse contexto, as políticas de fomento e tradução ganham relevância central. Ana Paula Baptista (2009), ao analisar o papel das instituições na promoção de literaturas minoritárias, aponta que o sucesso da internacionalização está intrinsecamente ligado à inversão da lógica mercantil pura:

A promoção de literaturas de menor circulação exige a criação de programas de subvenção que minimizem os riscos econômicos para as editoras estrangeiras, transformando o ato de traduzir o desconhecido de um investimento de risco em um projeto de valor cultural estratégico. (Baptista, 2009)

Tais programas, sejam governamentais ou privados, funcionam como “atalhos” que contornam as “fronteiras burocráticas e patrulhadas” mencionadas por Spivak no primeiro capítulo.

Além dos incentivos financeiros, a criação de redes de visibilidade é fundamental. A participação em feiras literárias internacionais, residências de tradutores e eventos acadêmicos específicos são estratégias ativas para construir o capital simbólico que as literaturas minoritárias não possuem *a priori*. Claudio Lindoso (2017) ressalta a importância da crítica e dos eventos como espaços de legitimação:

A recepção crítica internacional não é apenas um resultado da internacionalização, mas um catalisador. É crucial que haja um esforço concertado para que os textos sejam lidos e discutidos por críticos que entendam o contexto cultural e as implicações políticas da obra, evitando leituras redutoras. (Lindoso, 2017)

Essa é a dimensão da solidariedade intelectual: a crítica que se engaja com a interseccionalidade e a estética relacional da obra, em vez de exigir sua assimilação. O caso de Conceição Evaristo, por exemplo, exige leitores que estejam dispostos a se

incomodar e a reavaliar seus próprios parâmetros estéticos.

Em suma, a internacionalização das literaturas minoritárias é um projeto de descolonização contínua. Requer uma estética relacional que valorize o diálogo entre diferentes, e uma ação política solidária que utilize a tradução como uma ferramenta de resistência e expansão, e não de neutralização. O desafio é complexo, mas a presença crescente de vozes minoritárias no palco mundial atesta a força de sua arte e a validade de suas estratégias de circulação.

A consolidação da estética relacional no estudo das literaturas minoritárias sugere um novo paradigma para a crítica e a promoção literária. Em vez de medir a obra da periferia pela sua proximidade ou distância do cânone ocidental (o que seria uma leitura colonial), o foco deve estar na potência de conexão que essa obra estabelece com outras experiências globais e no modo como ela inverte a direção do fluxo cultural. O sucesso não se mede mais apenas pelo volume de vendas no exterior, mas pelo impacto transformador que a obra exerce sobre o pensamento e a sensibilidade do público estrangeiro, gerando novas formas de solidariedade e compreensão mútua.

Para que essa visão prospere, é imperativo que os governos e as agências culturais dos países periféricos adotem uma postura proativa e unificada na promoção de suas literaturas. É preciso que se crie um “capital de circulação” coletivo, onde os esforços de tradução e difusão sejam compartilhados entre países com histórias de subalternidade semelhantes, como sugerem as reflexões sobre solidariedade de Baptista (2009). Somente por meio de uma diplomacia cultural estratégica, alinhada com os princípios da interseccionalidade e da ética do diálogo, será possível construir uma literatura mun-

dial que seja, de fato, pluriversal e equitativa, superando a dicotomia excludente entre o que é “majoritário” e o que é “minoritário”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar os percursos e desafios da internacionalização das literaturas minoritárias frente à estrutura hierárquica do campo literário mundial. Retomando o objetivo inicial, propusemos mapear os mecanismos de exclusão e analisar as estratégias de resistência, utilizando a crítica interseccional e a estética relacional. O estudo confirmou a hipótese de que a posição das literaturas minoritárias no espaço internacional é determinada por fatores burocráticos, editoriais e simbólicos que se sobrepõem à qualidade estética intrínseca da obra, configurando um sistema “uno e desigual”, nas palavras de Moretti (2000).

Os principais resultados da pesquisa demonstram que as dificuldades de internacionalização se dividem em dois grandes eixos. O primeiro, abordado no Capítulo 1, reside nas barreiras estruturais da “República Mundial das Letras” (Casanova, 1999), onde o baixo capital literário das periferias exige que suas obras superem “fronteiras burocráticas e patrulhadas” (Spivak, 2003), no mercado global. O segundo eixo, detalhado no Capítulo 2 através do estudo de caso de Conceição Evaristo, evidencia que a tradução de literaturas minoritárias é um ato político complexo. A aplicação da interseccionalidade (Crenshaw, 1989) foi importante para demonstrar que as barreiras não são apenas de língua, mas de raça e gênero, ameaçando transformar a “escrevivência” (Evaristo, 2007) em mera “commodity étnica” (hooks, 1992) para o consumo do centro.

A resposta ao problema de pesquisa – *Quais são os fatores... e de que forma a crítica*

interseccional e a estética relacional podem desvelar e potencializar suas estratégias de resistência e circulação global? – reside, portanto, na ação crítica e solidária. Os fatores que dificultam a internacionalização são a hegemonia editorial, a falta de programas de fomento robustos e o olhar crítico eurocêntrico. Contudo, a crítica interseccional desvela essas forças e, aliada à estética relacional (Capítulo 3), potencializa a circulação. A estética relacional permite que a literatura minoritária, ao valorizar suas especificidades, force o polo receptor a renegociar suas categorias estéticas, promovendo um diálogo que descentraliza o universal.

O caminho para uma internacionalização mais equitativa passa pela urgência da solidariedade intelectual e institucional. Conforme discutido, é necessário investir em programas de subvenção (Baptista, 2009) que mitiguem o risco econômico para as editoras estrangeiras, além de promover ativamente a diplomacia cultural (Magri, 2019) para construir redes de visibilidade e crítica engajada. Essa postura exige que os atores da periferia, como ressaltou Abdala Júnior (2004), assumam suas posições de pertencimento não como limitação, mas como perspectiva de resistência capaz de enriquecer o cenário literário global com narrativas éticas e esteticamente inovadoras.

Em última análise, a internacionalização das literaturas minoritárias não deve ser vista como um fim em si, mas como um termômetro da democratização do conhecimento e da representação global. O desafio é persistente, pois a desigualdade é estrutural, mas a força da “escrevivência” e a articulação de redes solidárias confirmam a possibilidade de transformar o centro pela margem. Futuras pesquisas poderão se concentrar na análise comparativa de diferentes políticas de fomento à tradução e no

impacto quantitativo e qualitativo da recepção de literaturas de povos originários e de outras minorias globais.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural**. São Paulo: SENAC, 2002.

BAPTISTA, Ana Paula. **Cosmopolitismo, internacionalização da literatura e tradução**. In: SANTOS, Gilda; SILVA, Márcio; ALVES, Pedro (Orgs.). *Novas cartografias literárias: literatura, cultura e sociedade na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. *The University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Da égo-história à escrivência**. In: **Seminário Mulher Negra**. Rio de Janeiro: Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, 2007. p. 26.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

HOOKS, bell. **Black looks: race and representation**. Boston: South End Press, 1992.

LINDOSO, Claudio. Tradução e política: desafios da internacionalização das literaturas de expressão portuguesa. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 67, p. 144-159, ago. 2017.

MAGRI, Marisa. *O mercado da literatura brasileira no exterior*. São Paulo: Fundação Biblioteca Nacional, 2019.

MORETTI, Franco. Conjecturas sobre a literatura mundial. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 57, p. 45-68, jul. 2000.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Morte de uma disciplina*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Recebido em: 05/10/2025
Aprovado em: 13/12/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.